

## ***HISTÓRIA E LITERATURA DE TESTEMUNHO: A MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO EM “OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES”, DE PRIMO LEVI***

*HISTORY AND LITERATURE OF TESTIMONY: THE HOLOCAUST IN “THE DROWNED AND THE SAVED, BY PRIMO LEVI*

*Eduardo Garcia Valle\**

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo a análise da obra *Os afogados e os sobreviventes* de Primo Levi, escritor judeu italiano que sobreviveu ao Holocausto. Usando como fonte a literatura-memorialística de Levi, incorporando discussões a respeito das relações entre História e Memória e literatura de testemunho. Esperamos assim, compor algumas considerações que busquem compreender aspectos relacionados à rememoração do Holocausto, as disputas empreendidas pela memória, o conceito de testemunho por delegação e a especificidade de *Os afogados e os sobreviventes*, principalmente por ser seu último livro, escrito em 1986.

**Palavras-chave:** Holocausto, Primo Levi, história e memória.

### **Abstract**

This review the book *The Drowned and the Saved* by Primo Levi, Italian writer who survived the Jewish Holocaust. Using literature as a source of Levi-memorial, incorporating discussions about the relationship between memory and history and literature of testimony. We hope to make some considerations that seek to understand aspects of Holocaust remembrance, the struggle undertaken by the memory, the concept of testimony by delegation and the specificity of *The Drowned and the Saved*, especially because his last book, written in 1986.

**Keywords:** Holocaust, Primo Levi, history and memory.

---

\* Mestrando em História pela UFU. [duduvalle04@yahoo.com.br](mailto:duduvalle04@yahoo.com.br)

A partir da Segunda Guerra Mundial, a “literatura de testemunho” ganhou destaque ao retratar as experiências limítrofes de indivíduos que foram vítimas dos horrores perpetrados nos campos de concentração nazistas. O escritor Primo Levi, judeu italiano sobrevivente de Auschwitz, é, sem dúvida, um dos maiores expoentes desse estilo literário, considerado referência em tais estudos. Na perspectiva de Eric Hobsbawm (HOBBSAWM, 1995), Primo Levi conseguiu analisar com habilidade alguns elementos fundamentais da “era da catástrofe”. As representações (CHARTIER, 2002) adotadas na obra de Levi anunciam, por meio de rememoração e testemunho, a manutenção de uma experiência individual e, ao mesmo tempo, a constituição da própria história como lembrança, através de uma

memória coletiva.

Primo Levi foi um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, campo de concentração onde milhões de prisioneiros judeus foram assassinados pelos nazistas. Como sobrevivente, narra de forma surpreendente em suas obras os horrores vividos nos campos de concentração. Através de suas memórias, elabora uma narrativa que não pertence só a si próprio, mas a todos os judeus que vivenciaram os campos de concentração e, por algum motivo, não deixaram seu testemunho. É preciso salientar que o material mais relevante para a reconstituição da “verdade” sobre os campos de concentração é constituído pelas memórias dos sobreviventes. Levi narra não só sua experiência, mas tem a consciência de falar em nome de quem perdeu, antes da possibilidade de escrever, o sentido do

próprio eu.

É importante compreender que quem testemunhou as atrocidades cometidas nos campos de concentração nazistas eram testemunhas “privilegiadas”, pois, de alguma forma, desfrutavam de privilégios e podiam enxergar do alto, sem se dobrar à autoridade dos campos, analisando melhor a totalidade. Essas testemunhas privilegiadas, na maioria das vezes, eram presos políticos, pois estes sabiam perfeitamente que seus testemunhos eram como armas de guerra contra o nazismo. Os outros prisioneiros ou não tinham a intenção de elaborar um relato ou não tiveram tempo de vida suficiente para isso. Primo Levi ressalta que os sobreviventes não eram as verdadeiras testemunhas:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção

incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os ‘muçulmanos’, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção. Sob um outro céu, mas sobreviventes de uma escravidão análoga e diferente ( LEVI, 1990, p. 47).

Nesse ponto, é interessante citar o filósofo italiano Giorgio Agamben (2008), segundo o qual Primo Levi, uma autêntica testemunha, narra sem intenção de julgar ou condenar. O testemunho, para Levi, deve ser feito em uma linguagem objetiva, assemelhando-se a um depoimento

diante de um tribunal. Dessa forma, deve se apresentar de maneira verídica, contemplando o máximo de detalhes possível.

Em seus testemunhos, Levi explicita que o fato de ter sobrevivido não foi de “pouca sorte”. Deportado apenas no ano de 1944, conseguiu sobreviver à viagem feita em vagões de trem chumbados pelo lado de fora. Ao chegar a Auschwitz, foi julgado apto ao trabalho e enviado aos campos de trabalhos forçados. Naquela altura da guerra, devido à escassez de mão de obra, os nazistas preferiram destinar os judeus saudáveis para o trabalho escravo em vez de mandá-los diretamente para as câmaras de gás. Mesmo assim, dos 650 judeus italianos do comboio de Levi, somente 95 homens e 29 mulheres sobreviveram à primeira seleção. Levi sempre mencionava que estava vivo “graças a uma combinação de rara

sorte”.

Entender os fenômenos acontecidos dentro dos *Lagers* exige uma reflexão a respeito da própria representação desse fenômeno, e essa é uma tarefa em que vários pesquisadores estão empenhados, mas existe uma dificuldade, a impossibilidade de uma representação da catástrofe. Como nos informa Márcio Seligmann-Silva:

[...] na medida em que tratamos da literatura de testemunho escrita a partir de Auschwitz, a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas. Ao pensar nesta literatura, redimensionamos a relação entre a linguagem e o real: não podemos mais aceitar o vale-tudo dito pós-moderno que acreditou ter resolvido essa complexa questão ao firmar simplesmente que ‘tudo é literatura/ficção’. Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão

não está na existência ou não da ‘realidade’, mas da nossa capacidade de percebê-la e simbolizá-la (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 49-50).

A literatura da Shoah está inserida nessa dificuldade de representação justamente por ser uma literatura caracterizada principalmente por seu “excesso”, pelo testemunho das barbáries acontecidas dentro dos campos de extermínio. A Shoah é considerada um evento limite, a própria catástrofe por excelência.

Outra característica importante a respeito da literatura do Shoah é a falta de todo um aparato conceitual que descreva este evento, justamente pela sua dificuldade de representação, desta forma alguns autores usam o conceito Kantiano de ‘sublime’, entendido não no seu significado estético, sinônimo de ‘esplêndido’, ‘magnífico’, mas

sinônimo de irrepresentável, sem limites de representação (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.52-53).

A literatura de testemunho, mesmo encontrando problemas referenciais em torno da sua irrepresentabilidade, foi o caminho percorrido, por exemplo, por Primo Levi após sua libertação do campo de Auschwitz. Vemos nos escritores desse tipo de literatura a necessidade de falar, de escrever, de passar adiante a terrível experiência dos campos de concentração. Um ponto comum entre os sobreviventes que decidiram não se calar é a angústia de falar, de testemunhar e não ser ouvido, de não ter crédito, de ser ignorado. Isso pode ser percebido através dos sonhos que Primo Levi tem no campo de concentração, sonhos esses comuns à maioria dos prisioneiros. Sonhos

que relatam a felicidade da volta para casa, de encontrar parentes e amigos, e a angústia de narrar sua experiência, de contar o horror vivido e de, de repente, ter a consciência desesperada de que ninguém o escuta, de que os ouvintes levantam e vão embora, indiferentes.

Ao usar a literatura memorialística de Primo Levi tentando compor algumas considerações que busquem compreender aspectos relacionados à rememoração do Holocausto, acreditamos ser importante entender as relações atuais entre história e memória. A partir da década de 1970, ampliaram-se as concepções metodológicas, principalmente com as abordagens da Nova História Cultural, gerando uma aproximação com outras disciplinas com o intuito de verificar melhor o objeto de análise. Nesse contexto, as fontes diversificam-se, assim

como a possibilidade de utilização da memória como fonte de pesquisa histórica.

Atualmente, o uso da memória como fonte de pesquisa histórica é bastante difundido entre vários estudiosos, mas esse uso deve ser entendido e problematizado, pois os estudos sobre memória constituem um campo vasto e heterogêneo. Isso leva a uma reflexão a respeito da fragilidade teórica da memória histórica. Segundo Jacy Alves de Seixas: “Em uma palavra, muito se fala e se pratica a ‘memória’ histórica – o *boom* atual da história oral e das biografias e autobiografias é, nesse sentido, bastante expressivo –, mas pouquíssimo se reflete sobre ela.” (SEIXAS, 2001, p.38)

Trabalhando com o conceito de memória coletiva, Maurice Halbwachs (2004) afirma em sua obra que a memória individual existe sempre

a partir de uma memória coletiva. Visto que as lembranças são constituídas no interior de um grupo, o indivíduo carrega a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, o que é designado pelo autor como “comunidade afetiva”.

Outro ponto importante, segundo Halbwachs, é que a lembrança constituída dentro de um grupo pode ser reconstruída ou simulada. Podemos criar representações do passado apropriando-nos de percepções de outras pessoas, estabelecendo uma imaginação do acontecimento. A lembrança é a reconstrução do passado com a inserção de dados ou questões do presente, ou ainda uma reconstrução feita em épocas anteriores, em que a imagem se altera e incorpora novos elementos. De acordo com o autor:

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2004, p. 75).

Halbwachs afirma que a memória não é simplesmente uma imaginação ou representação histórica que tenhamos construído e nos seja exterior, pois o processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito.

Outro ponto significativo é que a memória individual e a memória coletiva têm pontos de contato com a chamada memória histórica, e estas são socialmente negociadas. Para o autor, memória histórica é aquela compreendida como a sucessão de acontecimentos importantes na história de um país. A partir da leitura da obra de Halbwachs,

fica evidente a diferenciação entre memória e história. Jacy Alves de Seixas estabelece uma diferenciação entre memória coletiva e história a partir da obra desse autor:

À memória coletiva, Halbwachs confere o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para criar um elo entre o presente e o passado, ao contrário da história, que constitui um processo interessado, político e, portanto, manipulador. A memória coletiva, sendo sobretudo oral e afetiva, pulveriza-se em uma multiplicidade de narrativas; a história é uma atividade da escrita, organizando e unificando numa totalidade sistematizada as diferenças e lacunas. Enfim, a história começa seu percurso justamente no ponto onde se detém a memória coletiva. (SEIXAS, 2001, p.40).

Pierre Nora, em reflexão desenvolvida nos anos 1980, também trata da distinção entre memória e história, além de realizar a construção de uma nova noção para se trabalhar na fronteira dessas vivências: “os lugares da memória” (NORA, 1993:07-28). Para compreender esse conceito, é preciso analisar como Nora distingue memória de história. Para o autor, a memória deixa de existir por ser apropriada pela história, restando apenas “os lugares da memória”:

[...]os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações são naturais. É por isso que a defesa pelas minorias de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à



incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituirlos. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

Partindo de outras concepções, Michael Pollack não faz uma diferenciação entre memória e história. Em seu artigo “Memória, esquecimento e silêncio” (POLLAK, 1989), o autor destaca uma retomada crítica das elaborações teóricas feitas por Halbwachs. Pollack relata a emergência, a partir da década de 1970, sobretudo no campo da história oral, de trabalhos que ressaltam “a

importância das memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial, no caso a memória nacional”. (POLLAK, 1989, p.:04). Essa abordagem diverge do que é proposto por Halbwachs, pois

[...]acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos brutos e exacerbados. A memória entra em disputa (HALBWACHS, 2004, p. 74.)

Segundo Pollack, assistimos atualmente a “verdadeiras batalhas pela memória”, pois esta representa um campo político ainda em disputa. Discutindo a respeito do silêncio das vítimas do

Holocausto, Pollack destaca que o silêncio tem razões bem complexas, em que convergem razões políticas e pessoais. Segundo o autor:

A essas razões políticas do silêncio acrescentam-se aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais. Quarenta anos depois convergem razões políticas familiares que concorrem para romper esse silêncio: no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento (POLLAK, 1989, p.04).

Primo Levi tinha a necessidade de falar porque teve a sorte de sobreviver, mas, muitas vezes, o seu relato era pontuado de silêncios, decorrentes da impossibilidade de verbalizar o ocorrido. O silêncio e a solidão estavam presentes

em suas memórias. Mas sabendo da importância de seu testemunho, teve a consciência de narrar, de testemunhar por aqueles que não puderam, que não conseguiram. Nesse sentido, o conceito de testemunho por delegação é de fundamental importância para a compreensão de sua obra, pois quem viveu a experiência dos campos de extermínio até o fim não pôde dar seu testemunho.

Em sua obra “*É isto um Homem?*”, na qual Primo Levi descreve sua trajetória em Auschwitz e a de todos os sobreviventes, o autor discorre sobre o processo utilizado pelos alemães para aniquilação do homem, para transformá-lo em nada, em um ser com apenas um número marcado na carne em forma de tatuagem. Primo Levi ressalta, nesse momento, que em sua língua não existem palavras para narrar as atrocidades cometidas, aquela forma de ofensa era o fundo do

poço:

Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (LEVI, 1985, p.25).

Nessa primeira obra de Primo Levi, o autor narra o cotidiano dentro do campo de concentração, a impiedosa luta pela sobrevivência, as “seleções” feitas pelos nazistas dos prisioneiros destinados ao extermínio, a fome sempre insaciável – uma fome nunca imaginada –, o trabalho desumano, a violência dos “*Kapos*”, o frio e a imundície,

as humilhações e, principalmente, a apatia que os derrotava. Fica clara, também, a primordial necessidade de se adaptar àquele inferno onde tudo era proibido, apenas pela razão de ser proibido.

A experiência vivida dentro do campo de concentração assume tal proporção que geralmente apaga tudo o que aconteceu antes e tudo que ocorrerá depois. Nesse sentido, podemos citar o texto de Walter Benjamin (1989) a respeito da perda da experiência, do declínio das tradições. Benjamin cita a fábula em que o pai, no leito de morte, transmite aos seus filhos ensinamentos que são compreendidos como a perpetuação das tradições para demonstrar que, quando isso acontece, é passado de geração a geração algo maior que pequenas experiências individuais. Para o autor, essa perda da experiência acarreta

o desaparecimento das tradicionais formas de narrativa, pois esta tem sua fonte na memória comum e também na transmissibilidade. Com o advento do século da catástrofe, o presente como catástrofe, iniciado na Primeira Guerra Mundial, as experiências vividas perderam sua narrativa, pelo próprio motivo de não se poder assimilá-las com palavras.

Em sua obra, Levi discute que o campo de Auschwitz é uma representação singular, a experiência nos *Lagers*<sup>1</sup> é uma ruptura com a existência de tudo que existia até então, é uma zona de irrealidade que foge aos padrões estabelecidos pelo mundo. É capcioso afirmar se essa é realmente a concepção de Levi a respeito dos *Lagers*, mas podemos ressaltar que *É isto um Homem?* é sua primeira obra após Auschwitz

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, utilizamos *Lagers* e campos de concentração como sinônimos.

e, dessa forma, em outras obras é possível que ocorram opiniões discrepantes.

Em *Os afogados e os sobreviventes*, Levi nos ajuda a refletir sobre a memória e sua conservação com o passar do tempo. É interessante ressaltar que essa obra foi escrita em 1986, ou seja, é a última de Primo Levi, na qual o autor expõe, com muita lucidez, o fenômeno da deformação das lembranças que, de certa forma, aproxima as vítimas dos opressores, mecanismo esse às vezes necessário para a sobrevivência após Auschwitz. Muitos foram os sobreviventes que fizeram a “escolha” de esquecer para tentar viver. Devemos entender nessa “escolha” a necessidade da libertação de um passado. Podemos verificar esta passagem no capítulo “A memória da ofensa”:

A recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque

evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa (LEVI,1990, p.10).

O interessante nessa obra de Primo Levi é que, diferentemente do que ocorre em *É isto um Homem?*, o sistema representado dentro do campo de concentração não difere muito do mundo a que os judeus estavam submetidos dentro da Alemanha, principalmente com o advento de Adolf Hitler ao poder, já a partir de 1933. É claro que devemos ressaltar as diferenças e as peculiaridades existentes dentro dos campos de concentração. Podemos afirmar que existia, dentro dos campos de extermínio, uma organização que não era totalmente diferente da do mundo

exterior. Os mecanismos de funcionamento dos *Lagers*, esse mundo concentracionário, possuía uma estrutura interna incrivelmente complicada.

Podemos ressaltar que, entendendo a história como um processo de longa duração, a experiência dos *Lagers* começou a ser delimitada a partir das leis segregacionistas importadas da Alemanha nazista. Desde a subida de Hitler ao poder, a situação dos judeus alemães foi se deteriorando lentamente, e o campo de concentração foi seu estágio mais avançado. Devemos aceitar o fenômeno dos campos de concentração como pertencentes à época moderna, entendendo-o como um fenômeno sem precedentes, mas não como algo “fora da realidade”. Esse fenômeno aconteceu e isso foi possível a partir de medidas adotadas num processo de longa duração. Acreditamos que *Os*

*afogados e os sobreviventes*, de certa forma, é a obra mais bem acabada de Primo Levi, porque incorpora elementos que só a reflexão em longo prazo pode explicar. Nessa obra, Levi discorre sobre sua lembrança em relação aos horrores nazistas e faz uma reflexão sobre o tema que mais o angustiava: será que o mundo que permitiu a formação dos campos de concentração realmente desapareceu com o fim do regime nazista ou, de certa forma, pode voltar? O autor, de forma peculiar, acredita que esse perigo não acabou e, se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo.

O que mais inquietava Levi, certamente, era a possibilidade de narrar a sua experiência e não ser ouvido, ou ser desacreditado. A máquina de destruição nazista previa não só a destruição física dos judeus, mas pretendia também eliminar toda a memória que pudesse dar algum indício,

alguma prova desse massacre sem precedentes na história. Como nos informa Márcio Seligmann-Silva:

Auschwitz pode ser compreendido como uma das maiores tentativas de ‘memoricídio’ da história. A história do Terceiro Reich, para Levi, pode ser ‘relida como a guerra contra a memória, falsificação orweliana da memória, falsificação da realidade, negação da realidade’. Os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa (no sentido que Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma - e, portanto, envolve a resistência e superação da negação-, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável (SELIGMANN-SILVA, 1003, p. 51-52).

O maior receio de Levi era que, devido à brutalidade e à crueldade, a memória do extermínio fosse desacreditada pelo seu absurdo. Os próprios alemães sabiam disso e se divertiam cinicamente:

Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito”. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lagers ( LEVI,1990, p.09).

Em um ensaio intitulado “Verdade e memória do passado”, Jeanne Marie Gagnebin relata que a liderança nazista, prevendo o final da guerra, se encarregou de abolir as provas, queimando arquivos, desaparecendo com corpos já enterrados, tentando anular todos os rastros da existência do genocídio. Segundo a autora:

As teses revisionistas são, com efeito, a consequência lógica, previsível e prevista de uma estratégia absolutamente explícita e consciente de parte dos altos dignitários nazistas. Essa estratégia consiste em abolir as provas de aniquilação dos judeus (e todos os prisioneiros dos campos). A ‘solução final’ deveria, assim por dizer, ultrapassar a si mesma anulando os próprios rastros da existência (GAGNEBIN, 2006, p.46 ).

Em “Os afogados e os sobreviventes”, podemos identificar, de modo mais explícito,

a necessidade de testemunhar o que “não é testemunhável”. Isso é necessário para que o que aconteceu não seja esquecido, “retocado”, pois mesmo após a libertação, a recordação dos campos de extermínio é traumática; sendo assim, compele ao esquecimento. Tal receio aumenta ainda mais com o “revisionismo”, que minimiza ou até nega a experiência do Holocausto.

Retornar às obras de Levi é pertinente, visto que, dessa forma, podemos contribuir para o não esquecimento, para que a memória do Holocausto não seja apagada, pois, para Levi: a “memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz” (LEVI, 1990, p.19).

## Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Trad. De Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Vol.1. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHARTIER, R. *A história cultural*. Entre práticas e representações. 2 ed. Portugal: DIFEL, 2002.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HOBSBWM, Eric. *Era dos Extremos*. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad.: Luiz Sérgio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.



LEVI, Primo. *É isto um Homem?* São Paulo: Editora Rocco, 1985.

LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Vol. 05, nº 10, 1992, p. 200-215.

POLLAK, M. Memória, Esquecimentos e Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV/ Edições Vértice, vol. 3, 1989, p.3-15.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A História como Trauma”. In: Nestrovski, Arthur e Seligmann-Silva, Márcio.(orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A literatura do trauma. *CULT-Revista de Literatura Brasileira*: São Paulo,1999. Ano II n 23.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Auschwitz: história e memória*. Pro-Posição: São Paulo, 2000b v.11 n.2.

*Artigo recebido em: 15/05/2011*

*Aceito para publicação: 18/08/2011*